



Semanario monarchico-integralista
(Literario e Nacionalista)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO G. HERÓDO

Director:
D. José Ferrão.
— Adm. e Editor:
Domingos Ribeiro.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua do Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES



Foi a 29 de Outubro do ano de 1918, que a pleiade de rapazes baírista, dirigida pelo nosso presépio magico sr. A. Fernandes de Freitas, viu coronados os seus esforços para a publicação de um semanario.

E o GIL VICENTE, surgia traçando o seu

caminho de «defensor dos interesses locais». Otem como hoje esse caminho tem sido trilhado. Hoje, como então, a nossa divisa continuará sendo: Por Guimarães! Por Portugal! Pelo Futuro!

Por Guimarães, defendendo os interesses

da nossa linda terra. Por Portugal, propagando os princípios do «reapitaguesamento de Portugal», base em que acentua o Integralismo Lusitano. Pelo Futuro, trabalhando para maior grandeza da Patria heroica, dentro da Monarquia Nova!

EM FRENTE

Não é momento para indecisões o instante que passa, pois a reflexão já deva ter baixado em suficiência a iluminar a inteligência de quem ao torrão naval dedica os dias que a Vila lhe vai contando.

Bem definido é já o caminho a trilhar. Em França os acmólots du roi marcam o futuro da França. Em Italia os nasci di combattimento salvam pelo futuro da Italia. Em Espanha os «somatens» alvoroçam o futuro da Espanha. Em Portugal os integralistas são a esperança de Portugal.

O vasio liberalista levante quantas barricadas queira, que não amedronta o mar alto que se encapela e avança a subvertê-lo, clamando realizações progressivas que satisfaçam a vitalidade nacional.

A Verdade Portuguesa tem somente uma face—o Integralismo Lusitano. Tudo o mais a mente, numa mentira exoranda, em que a abjeção campeia num cialismo hediondo, vestindo a capa dum nacionalismo avulso.

A reacção moderna é uma consciência que se reconhece. Uma fé limpida a fortifica para arrastar com os falsos revezes sofridos pelos ataques torpes do fanatismo e corrupção, que apenas conseguem conceder-lhe nascentes energias para a glorificação que ressurta a largos haustos e a farão ascender ao trifo da apoteose.

Não se vence um espirito lusitano com promessas tolas de futuras concordatas com a Santa Sé, com esquecimentos imbecis do que sejam as leis do renascimento nacional, com de vassalhões subrepticias empalhando uma realza de bôbo.

Contrariar o Passado é negar a grandeza da Patria, e a geração que desponta é ansiosa e sequiosa dum sonho fraternal, onde a esterilidade se morre, e a ascensão se nasce numa exigencia logica da formação natural.

Baluarto seguro do seu valor e da sua vitória não se derrota com as diatribes manhosas da judiaria venenosa. Aquece-o o Sol da Raça num entusiasmo novo, em que a restituição do seu organismo politico é o galardão por que anela, congregando sempre um ultimo esforço, um impeto maior em tão consoladora missão.

Ultrajai Rivera, insultai Mussolini, casquidai de Maurrás, babujai o Integralismo, que da cabeça una sob a vossa consuma a deslealdade caminhamos, rindo-nos das estocadas cobardes, enxotando-vos para as vielas lobregas que vos cream e vos vão a servir de moradia eterna.

Basta já de tão imunda vilania, praxadores do Anti-Portugal, que a Historia renega a vossa obra de maldição para exaltar a elevação sublimada da Patria Imortal a que lançais afronta tamanha.

Concordatas com a Santa Sé só ha uma—reconhecê-la como fonte purificadora em que as nações se insiram para ascenderem. Sem a sua protecção não ha moral que se alteie. Discuti-la é negar-lhe a superioridade inerente, a que nos submetemos sem restrições e só acatamos em suas determinações.

As leis do renascimento nacional obrigam-nos a reeditá-la, em função do tempo pelas necessidades humanas, e nunca se esquecem porque são elas a base da prosperidade que buscamos e havemos de reconstruir para bem do país, da realidade portuguesa.

Reis sem roque, abjuramo los, porque não sumos precursores de realzas estereis, e em vez dum papel queremos ver um homem que sintetise o espirito nacional, não sendo portanto o produto hibrido dum arranjo vilianaz que nos trouxe este enxerto vilipendante, que em sua infancia ilimitada nos poderá acarretar ainda um ultraje miseravel... que Deus queira não se esteja desenhando...

Já nos chamam ao combate final em que se proclamará a Ressurreição deste povo lendario a que se não vem respeitandoo os sagrados mausoleus.

Pois bem, aqui somos como sempre aguardando o despontar duma consciência que aquecemos e queriamos menos tardia e mais nacional. Que o impressionismo a não turve e a clarividencia a nacionalise, totalmente. Um pouco mais no caminho andado, e Portugal aportará ás suas praias formosas para retomar seus jardins encantados que florirão então.

João d'Ourique.

DOIS LIVROS

«Romagem dos Séculos»

«Roteiro de Guimarães»

Por ocasião,—a bem feliz que ela foi!—da ultima exposição concelhia realisada por taa dentro da nossa querida Terra, ha poucos dias portanto, dois livros apareceram que podemos, sem favor, classificar de notaveis, livros a que oia deu origem e que, honrando sobremaneira os seus autores, são mais dois titulos de gloria que ficam presos, para sempre, á impercível lembrança do maravilhoso certamen vimaranesense.

Tem um por titulo «Romagem dos Séculos»; chama-se o outro «Roteiro de Guimarães» e assim, dir-se-hia que a letra R, na elevação dos grandes pensamentos que ditaram aquelas trabalhos, perdeu para nós outros todo o seu significado subversivo e o seu presagio agoiroto,—incluidos os proprios estudantes no animo dos quais tantas horas de amargas incertezas produz anualmente—, para naquelles titulos se unirem e completarem num indestructivel e evocador abraço de muitas gerações e muitos séculos.

Deve-se o primeiro á pena scintillante e erudita do Dr. Eduardo d'Almeida,—o meigo e doce contemplativo—; pertence o segundo ao distinto escritor vimaranesense, doublé dum alto espirito e nobre coração A. L. de Carvalho, abreviatura do nome, bem conhecido, de Antonio Lopes de Carvalho,—os ultimos... frades benedictinos da antepenultima geração e de que é es são, sem duvida, na republica das letras, os mais nobres representantes em nossa Terra.

Não é nosso intento, bem longe disso, dizer do valor de qualquer das obras em referencia,—a primeira das quais devemos á gentileza do seu illustre autor—, visto que, no encendrado amor que votamos a tudo quanto diz respeito a Guimarães, queremos que essa incumbencia fique a quem melhor do que nós a desempenhe, mas tão só indicá-los aos nossos conterraneos como duas soberbas e formosas manifestações de trabalho, de paciencia, de inteligencia e de erudição, ambas dignas, por isso mesmo, da nossa admiração, do nosso maior apreço e dos



D. João II

«Bispo, não veio ainda a hora!»

[Das Crónicas].

*Ja morrer o Rey. Num edro lento
Resatam-se os officios da agonia.
Lá fóra o mar, em dolorido acento,
Aos salmos doloridos respondia.*

*Então julgando que era o passamento,
Alquem ao Rey as palpebras desoia.
«Não veio ainda a hora! Macilento
O Rey lhe disse com a voz já fria.*

*Tambem para nós não veio ainda a hora!
Ha muita alma que não é suicida
E sente a esperança dentro de si a arder!*

*Pode ser tragico o horisonte! Embora!
Mas quando até a esperança fór vencida
Não é vencido quem souber morrer!*

ANTONIO SARDINHA.

nostros incondicionais louvores e, assim, merecedoras de figurarem, pelo menos, na biblioteca de todo aquele que se orgulha de ter nascido em Guimarães!

Um desejo muito sincero experimentamos ao concluir a sua leitura e vem a ser que os seus autores nos proporcionem... mais, muito mais, em periodo breve e prospero, evitando-lhe, ou reduzindo-lhe, as despesas, verdadeiramente inconcebiveis, que estas lhes causaram só por amor ao lindo rincão aborigeno que se orgulha de os ter por filhos.

E' este, sem duvida, o seu mais justo e melhor elogio que, ao correr da pena, aqui deixamos concretizado numa singela e unica palavra, tão sugestiva, porém, como est'outra que lhes enviamos aos dois num abraço de reconhecimento e de entusiastico aplauso:

BRAVO!

E. N. 12. X. 23.

Mais...

E' um nunca acabar. Os escandalos nesta «quida republica» são como as cerejas. Já nem conta ttem.

Além do dos 500 contos tão obscuramente descontados na Caixa Geral dos Depósitos, surge,

agora, segundo o testemunho do insuspeitissimo «Diario de Lisboa» uma grôssa escandaleira com o fornecimento de discos de bronze e aluminio.

Que conta o «Diario de Lisboa»?

«Que uma firma comercial de portugueses, estabelecida em Paris, constituída pelo sr. Emidio Pereira e por um antigo official do C. E. P. e representante de uma fabrica francesa de discos de bronze-aluminio, apresentou uma proposta para o fornecimento dos 50 milhões á nossa Casa da Moeda, fazendo-a recomendar pelo sr. Afonso Costa.

Sigamos agora o texto da narrativa do «Diario de Lisboa»:

Nessa altura, appareceu em Paris, um português chamado Camelo, proprietario da fabrica de polvora fisica de Vale de Milheiros, de que o sr. Anibal Lucio de Azevedo é director tecnico. Pouco tempo depois encontrou-se o sr. Camelo com o sr. Anibal Lucio de Azevedo em Paris, durante a viagem que este nessa epoca realizou ao estrangeiro' sob o pretexto de visitar os estabelecimentos similares da Casa da Moeda. Decorreram semanas e o sr. Emilio Pereira verificou que, em vez de quaisquer facilidades em Lisboa a sua proposta deparava com dificuldades de monta. Simultaneamente, entre a colonia portuguesa de Paris, começava a correr o boato de que um fabricante frances de discos de bronze-aluminio, declarára que a sua proposta é que venceria no concurso, porque «alquem» lhe affiançara que, desde que empregasse 500.000 francos no convencimento das personalidades politicas que em tal assunto intervinnham, tudo se arranjará.

Tendo o sr. Afonso Costa sido

O DESCABRO CONSTITUCIONAL

A passividade imunda que a chamada Causa Monárquica vem desenvolvendo ha longos treze annos, com um rei que se entretém a colecionar orquídeas, a recomendar «missas», a apelar de crime o 19 de Janeiro de 1919, de consequências desastrosas é certo, mas que o sangue dos mortos, o martirio dos encarcerados e a desventura dos sacrificados manda respeitar, teria um fim mais breve ou mais tardio, afogando-se no asco que segrega e na miséria que a enforma.

Um novo vem até nós, buscando guarida em sua casa, depois de tanto ludíbrio lhe terem vestido, e com um vigor crescente esculpe essa alma perdida de libu-teiros de notoria má nota, que só da intriga á infamia com campo honroso aos seus instintos perversos.

O trabalho da escoria é a essência do seu valor, e quem lhes não for lacado ou lhes não fór equal bem mal vai em meio de tanta náusea, que, na sombra, onde ha cobardia e perversidade, perfidia e vilania, lhe prepara o colmilho onde o veneno da ignomia se acondiciona para se destilar gota por gota numa repugnancia de ultrage sobre aquelle que, não lhes deixando a vida duma digestão lubrica, os fustiga com o suplicio da indignidade que professam, sem um rudimento de remorso.

Os meus cadernos em que *Martinho* vai apresentar nua e crua a vida devassa duma democracia coroadada que o exilio transportou ás costas da Inglaterra, legando nos uma outra coroadada pelo diabo que lhe deu o diadema vermelho do barrete frigio, obra pamphletaria onde o rebuço não tem o direito de esconder um fio de negritão a bem da salvação nacional, são a tortura dum bando monstruoso que já vocifera e ruje contra a cadeia dos seus crimes, que a tantos outros vai imputando numa repelencia ignobil.

Não ha chufa, nem insulto, que se não lance sobre quem os conhece para os vergastar, rasgando-lhe a mascara duma corrupção malvada, dum hysterismo hediondo, dizendo-lhe o horror do pantano em que lhes cresce a vileza.

Ignobis fanteches do character, fogos factuos, eclipse consciencia do realismo, insignes fantasmas da monarchia, são bem o cadinho em que modulam os tormentos da nação, trautando «o não lhe mexam, nem se mexam» de José Luciano, que em melhor fim de interesses da balança vasaram no melde do «quanto pelor, melhor», que é vulgar na inconsciencia do alcance desmoralizador.

De vez se vão de braço travado com a republica, salvando assim aqueles a quem um preconceito injustificavel ainda detém, pois a sua demora na reconstrução nacional pode igualar-se ou confundir-se com um alheamento culposos, com que

os saltimbancos da monarchia repartirão sem rebuço o peso duro duma existencia corrupta.

Ha um convenio em que se insinua haver um emprestimo de milhões de libras sobre os caminhos de ferro de Lourenço Marques e levemente um simulacro de fantasia nacional se desperta um momento, sem que o órgão officioso duma Causa *soi-disant* monarchica se revolto ou busque esclarecer da veracidade de tal gesto, que a completar-se bem pode comprometer o futuro de Moçambique em mãos de governantes do jaz presente.

Que os democratas vermelhos o occultem ou velem á discussão e á nudez comprehendese em hora não se admita, pois longa é a senda criminal que lhes pesa nos atropellos escuros e dormandos asquerosos em que têm trilhado a dignidade portugueza. Todos os demais, porém, tem o dever de lhes pedir estritas contas, para que uma abundancia de luz se derrame sempre em todos os actos que tendam á pratica e que por vezes atingindo elevada grandeza podem esconder um viluperio que jamais seja suscetivel de se lavar.

Mas não. O silencio é tremendo, como que pesando tenebroso, agudado em fogos factuos de longe em tão longe e quasi extintos, sopros debeis e tão tenues que se perpassam com receio de se pressentirem e nos deixam a inquietação que mais se voluma em cada dia que conta este regimen de... liberdade.

O medo justifica-se numa clareza que sobreja, pois uma aliança ou fusão monarchico-constitucional com a republica-constitucional soffreria um prejuizo de tal modo, que o reduto que acolhen outróra os honapartistas, entre abraços duma amizade natural e bem profunda então, poderia experimentar abalo tão violento que saltasse em estilhicos sobre o marasmo monarchico que na republica se está confundindo já.

Do alto do Minho seremos nós outros, aqueles para que o insulto mais soez se busca e a quem se deve a ressurreição do realismo portuguez, que levantaremos a ponta do véu, perguntando á Intendencia britânica, monarchico-republicana, se o brio lusitano é sujeito a dono nesse convenio emprestimo que se vai assinar em Londres, ou se podemos descançar duma afronta proxima ou remota que Portugal Maior não consente sem laivos de repulsa, que serão memoraveis e de Justiça plena.

E se nos turbarem a veneração pelos tumulos, em que ancestral geração repousa duma epopeia immortal, saberão os vilanages histriões como «seja o éco duma afronta o sinal de resurgir».

Alberto de Souza.



Fantasmas

Todo o dia nevara na Serra. Depois a lua surgiu povoando de sombras e luar, os moates, as collinas e os vales. E foi como que sobre a alvura immaculada da neve, nova camada de neve, azulada, prateada liquefita, se estendesse com lentidão e suavidade.

Alcandorado no alto, mirando com o olhar torvo de bandoleiro emboscado o deslizar audaz das faléizas, onde escorregava delicadamente o luar, — um «castelo» de excentrica construção, aninhado na penumbra, espiaava.

A branda luz da lua fugira dele, a neve tinha-o esquecido na distribuição prodiga dos seus beijos, candidos como pétalas de lirio!

Bloco de treva — o «castelo» — desenhava-se em «silhonett» sobre a clareza luarenta do ceu, nos recortes caprichosos e agudos da linha irregular e zigzagueante das ameias, lembrando uma consciencia negra e irregular de bandido, — consciencia em zig zag consciencia que não é recta.

Na emensidão do silencio vagueava a beleza melancolica de um misterio. Na fisionomia escalvada da natureza prepassavam frémitos incompreendidos de soffrimto e de dôr; — prepassava levemente a viração da Tristeza, arripiando as pedras, pintando a lividez na neve.

A Serra calara os seus sussurros em tragica expectativa: — o socêgo religioso da noite augurava um acontecimto sobrenatural, que emocionava já a alma das coisas na profunda aniedade da sua emencia; e naquêlo momento de sonho e de lenda, a Serra, nevada e luarenta, alva e azulada, era uma virgem noiva empalidecendo na Morte, antes de ser esposa.

Instante supremo, sublime, deixando adivinhar a solemnidade dum successo proximo, triste e grandioso. Tudo aguardava, esperando a almejar...

Por fim, (como nos autos do novo poeta da Raça) «surge a aparição maravilhosas». Brillou ao longe em fluidez clara e luminosa uma figura agigantada e etherea, que deslizando sobre a rocha (o granito tremia de comoção; era, havia muitos seculos, o reino e o trono daquele heroi), foi sentar-se sobre o rochedo maior, apoiando numa das mãos a cabeça, — cabeça de guerreiro muito antigo, que fóra pastor tambem.

Cabelos longos, lisos e fartos, caídos sobre os ombros largos; peito descoberto e amplo que os soluços estremeciam; peito forte, vasto e leal, onde as patrias gostam tanto de nascer e de morrer!... E o espectro (que era Virriato) quedou-se assim a olhar longamente a sinistra negrura do tal «castelo» que alcandorado lá no alto, olhava desconfiado em redor como bandoleiro emboscado, aninhado entre sombras.

Vem de além um tropel confuso de corceis, ferros, clarins e tambores.

Vem de além, de muito longe, muita gente em som de guerra...

Portugal, saindo da Historia, alarmava a terra toda.

Mas tudo veio parar ali. Todos ali se quedaram a olhar como o primeiro espectro (que era Virriate) a sinistra negrura daquêlo «castelo».

Calaram tambores e clarins, calaram ferros e armaduras (como antes tinham calado os mur-

muros da Serra) e falaram os corações.

Os corações dos nossos Reis, dos nossos Herois, dos nossos Santos, batem a suspirar...

Do silencio vem apenas um sussurro angustioso, corpir pungente mandando dum coração só, ferido pela Dôr, batendo ao calor do mesmo sentimento...

Então, de repente, iluminaram-se as janelas do monstro, e um ruído de chuva de ouro alongou-se pelas quibradás, em gargalhada cinica, diabolica, metálica.

Ouvindo o tilintar daquele ouro estranho, — preço da no-sa venda, — o gargalhar sacrilego daquele rir mefistolico e mau, goso do grande crime, — o suspirar dos espectros tornou-se em fundo choro. A neve ficou mais livida, o luar mais palido ainda, e eleva-se para o Ceu, a soluçar, o choro dilacerante...

São fantasmas, são fantasmas, gritou uma voz cava, das entranhas do «sinistro castelo», novamente mergulhado em funda treva.

Então toda a Gloria de todo Portugal (que era aquela multidão de espectros saídos da nossa Historia) desapareceu, abalou de repente.

E o grito do bandido, — são fantasmas, são fantasmas, — envolto em gargalhadas, desmaiava pouco a pouco, correndo de monte em monte, nos desvanecimentos irregulares do Eco.

Pinto da Mota Lopes

As industrias vimaranenses na Exposição do Rio de Janeiro Premios de honra

No grandioso certamen que foi a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, realiza-la por occasião do Centenario da Independencia e a que concorreram as industrias da no-sa terra foram premiados os seguintes expostores vimaranenses.

Domingos Alves Machado, proprietario da Foto-Electica-Moderna, classificado em fotografia artistica, — medalha de ouro.

José Francisco da Silva, cutelaria marca 5, com fabrica no Miradouro, — medalha de ouro.

Joaquim Ribeiro Moura, cutelaria marca 35, — medalha de ouro.

José Antonio de Castro Guimarães, coiros e peles curtidas — medalha de ouro.

Estas justissimas classificações são o orgulho maior dos nossos Industriais que, na Exposição Industrial e Agricola Concelhia, mostraram ao pais o valor da nossa terra de nobres tradições historicas e de trabalho.

Deve ser um estímulo a proseguir na obra encetada, para bom nome de Guimarães e para maior expansão das nossas industrias.

O «Gil Vicente» sauda os industrias premiados.

«Gil Vicente»

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do no-so jornal.

E peramos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está veuida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já hoje as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem faz o jogo da Finança.

O no-so jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o no-so pedido, e peramos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despezas com a mesma cobrança.

Juventude Católica

Assembleia Geral Extraordinária

Por ordem do snr. presidente, são convidados os sócios desta colectividade a reunirem-se em sessão extraordinária (art.º 22.º dos Estatutos), no salão nobre da Associação Artistica Vimaranesense, no dia 27 de Outubro, pelas 20 h22 horas, para se tratar de assuntos importantes, que se prendem com o futuro da Juventude.

Se não comparecer número legal de sócios, ficará a sessão adiada para o dia 30, pela mesma hora, e no mesmo local, funcionando com qualquer número de sócios.

Guimarães, 19 de Outubro de 1923.

O 1.º Secretário,

Antonio José Pinheiro Junior.

Que nenhum digno sócio falte ao cumprimento do seu dever é o no-so mais vivo desejo, assim como tambem apelamos para os seus antigos fundadores na certeza de que prestarão com a sua boa vontade, ótimos serviços á simpática Colectividade católica.

Expediente

Rogamos a todos os nossos presados assinantes que mudarem de residencia o favor de avisarem para esta administração, em bilhete postal, unica forma de lhes ser remetido o jornal para a nova morada.

Igual pedido fazemos aos senhores assinantes que se retirem para as praias, termas ou campo e desejem receber regularmente o no-so jornal.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do no-so jornal

Ex.mo Snr.

informado destes factos e retirado o seu patrocínio a proposta do sr. Pereira, em vista das complicações do caso, veio este ultimo a Lisboa, onde contou tudo ao então ministro das Finanças sr. Victorino Guimarães.

Este, por seu turno, para liquidar a questão, ordenou que as moedas fôsem feitas em cupronickel, em vez de bronze-alumínio. Mas ultimamente o sr. Velinho Correia revogou essa ordem.

O snr. Lucio de Azevedo, por seu turno, declarou que com o fornecimento de discos se tem pretendido fazer NEGOCIOS ESCUROS — com vista ao do Ri-

dendo; — que para esses negocios fóra procurado por *brasseurs d'affaires*, patrocinados por diferentes politicos, etc. etc.

A vér vamos no que dá mais este escandalo e quem virá a ser castigado. Parece-nos, porém, que será tempo perdido e tudo terminará em bem, como sempre acontece, para salvaguarda do prestigio, da fraternidade e da moral republicana.

E' por isso que o outro diz que «não são corifeus de regimens de cacete ou de adeantamentos». Percebemos muito bem. E' que este regimen é de mais... *adeantamento*.